

VIII ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

DIREITO, ARTE E LITERATURA

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria - CONPEDI

Presidente - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - FMU - São Paulo

Diretor Executivo - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC - Santa Catarina

Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa - Pará

Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG - Goiás

Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos - Rio Grande do Sul

Vice-presidente Sudeste - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio - Rio de Janeiro

Vice-presidente Nordeste - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

Representante Discente: Prof. Dr. Abner da Silva Jaques - UPM/UNIGRAN - Mato Grosso do Sul

Conselho Fiscal:

Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - SKEMA/ESDHC/UFMG - Minas Gerais

Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UFERSA - Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Fernando Passos - UNIARA - São Paulo

Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP - São Paulo

Secretarias

Relações Institucionais:

Prof. Dra. Claudia Maria Barbosa - PUCPR - Paraná

Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA - Bahia

Profa. Dra. Daniela Marques de Moraes - UNB - Distrito Federal

Comunicação:

Prof. Dr. Robison Tramontina - UNOESC - Santa Catarina

Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS - Sergipe

Relações Internacionais para o Continente Americano:

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto - UPM - São Paulo

Relações Internacionais para os demais Continentes:

Profa. Dra. Gina Vidal Marcilio Pompeu - UNIFOR - Ceará

Profa. Dra. Sandra Regina Martini - UNIRITTER / UFRGS - Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Maria Claudia da Silva Antunes de Souza - UNIVALI - Santa Catarina

Educação Jurídica

Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba - PR

Prof. Dr. Rubens Beçak - USP - SP

Profa. Dra. Livia Gaigher Bosio Campello - UFMS - MS

Eventos:

Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - FDF - São Paulo

Profa. Dra. Norma Sueli Padilha - UFSC - Santa Catarina

Prof. Dr. Juraci Mourão Lopes Filho - UNICHRISTUS - Ceará

Comissão Especial

Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UFRJ - RJ

Profa. Dra. Maria Creusa De Araújo Borges - UFPB - PB

Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta - Fumec - MG

Prof. Dr. Rogério Borba - UNIFACVEST - SC

D597

Direito, arte e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI

Coordenadores: Marcelo Campos Galuppo; Ricardo Marcelo Fonseca; Silvana Beline Tavares. – Florianópolis: CONPEDI, 2025.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5274-161-5

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Direito Governança e Políticas de Inclusão

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Direito. 3. Arte e literatura. VIII Encontro Virtual do CONPEDI (2; 2025; Florianópolis, Brasil).

CDU: 34



VIII ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

DIREITO, ARTE E LITERATURA

Apresentação

Este Grupo temático apresenta artigos que exploram as interseções entre Direito, arte e literatura, revelando como diferentes categorias de análise dialogam na construção de sentidos sobre justiça, poder e subjetividade propondo abordagens sensíveis e críticas, que rompem com os limites tradicionais da dogmática jurídica.

Mario Cesar da Silva Andrade com o artigo “A guerra dos mundos: apontamentos críticos a partir das interfaces entre personalidade, sociedade e cultura” analisa criticamente o clássico da ficção científica “A Guerra dos Mundos”, do escritor britânico H. G. Wells, pela aplicação da tese dos três mundos, de Jürgen Habermas, a fim de identificar as potencialidades críticas dos aspectos subjetivos, culturais e sociais que se entrecruzam na obra.

”A interseção entre a justiça trágica de Édipo rei e a ideia de justiça em Nietzsche: a noção de igualdade e justiça que transpassa a convicção”, artigo de Ana Lucia Guarany Ribeiro Castro analisa a arte como instrumento de questionamento jurídico adotando como pano de fundo a pesquisa de Luiz Felipe Araújo Alves sobre A Ideia de Justiça em Nietzsche.

Ana Júlia Batista Gomes, Ana Maria Santos Lima e Miriam Coutinho De Faria Alves em “A mulher idosa em feliz aniversário: uma análise jusliterária da invisibilidade materna na velhice” analisa o conto Feliz Aniversário, de Clarice Lispector, com ênfase na invisibilidade da mulher idosa e nas interseções entre envelhecimento, maternidade e gênero.

O artigo de Leonardo Lani de Abreu e Eduardo Roberto Magnabosco Maia “A questão racial em “Benito Cereno” e o direito à liberdade de expressão literária” se vale da metodologia

Daniele Carvalho Da Silva e Jéssica Fachin com o artigo “Análise da obra de George Orwell 1984, com ênfase na ADPF n. 1143: violação do direito fundamental a privacidade, em decorrência de monitoramento secreto realizado por órgãos de inteligência a aparelhos digitais sem autorização judicial” analisam a utilização de tecnologias voltadas à espionagem (softwares secretos) por parte do Estado brasileiro, assimilando-as a uma estrutura de vigilância, com alta capacidade de violar direitos fundamentais, em especial, o da intimidade e privacidade.

O artigo “As moiras e a república: um estudo hermenêutico-retórico sobre direito e democracia” de Michael Lima de Jesus propõe uma reflexão hermenêutico-retórica sobre a crise democrática contemporânea, utilizando a tragédia de Édipo como metáfora para a condição do homo juridicus brasileiro.

Mateus Rodarte de Carvalho em “Entre a ficção e a justiça: a influência da rede globo de televisão na cultura jurídica e artística brasileira” investiga a influência da Rede Globo de Televisão na formação da cultura jurídica e artística brasileira ao longo de suas seis décadas de atuação.

A violência doméstica contra a mulher trata-se de um fenômeno histórico e estrutural, enraizado em padrões patriarcais que, ao longo dos tempos, legitimaram a subordinação e a dominação feminina, bem como naturalizaram práticas de controle e agressão. Questões trazidas por Daphini de Almeida Alves com o artigo “O ciclo da violência doméstica: uma análise jurídica a partir do filme “É assim que acaba””

Os autores Alexandre Cesar Rodrigues Da Silva e Tereza Rodrigues Vieira propõe uma reflexão sobre aspectos históricos, bioéticos e jurídicos que envolvem a comunidade surda e as pessoas com deficiência auditiva no Brasil, tomando como referência o filme “No Ritmo do Coração” (2021), adaptação da obra francesa “La Famille Bélier”, com o artigo “O cinema como instrumento de inclusão e cidadania: o filme “No ritmo do coração” e os

Direito com as obras literárias a partir de um diálogo entre o belo, a ética e a justiça. O romance histórico, por seu turno, lança luz à história dos que foram relegados ao esquecimento e à marginalização.

Convidamos o leitor a mergulhar nestes textos, permitindo-se transitar pelos caminhos que entrelaçam as categorias de Direito, arte e literatura. Que as linguagens e sensibilidades trazidas por essa proposta provoque novos questionamentos para a compreensão dos diferentes campos para se pensar o Direito.

Desejamos, portanto, uma excelente leitura!

Silvana Beline

Marcelo Campos Galuppo

Ricardo Marcelo Fonseca

**A GUERRA DOS MUNDOS: APONTAMENTOS CRÍTICOS A PARTIR DAS
INTERFACES ENTRE PERSONALIDADE, SOCIEDADE E CULTURA**

**THE WAR OF THE WORLDS: CRITICAL NOTES FROM THE INTERFACES
BETWEEN PERSONALITY, SOCIETY AND CULTURE**

Mario Cesar da Silva Andrade

Resumo

O presente artigo analisa criticamente o clássico da ficção científica “A Guerra dos Mundos”, do escritor britânico H. G. Wells, pela aplicação da tese dos três mundos, de Jürgen Habermas, a fim de identificar as potencialidades críticas dos aspectos subjetivos, culturais e sociais que se entrecruzam na obra. Metodologicamente, a pesquisa qualitativa bibliográfica, de viés crítico-reflexivo, vale-se de fontes doutrinárias, documentais e legais, em especial, o romance “A Guerra dos Mundos”, de 1897. Como referencial teórico, adota-se a tese dos três mundos, formulada pelo epistemólogo Karl Popper, e reformulada pelo sociólogo e filósofo Jürgen Habermas, com destaque para a ideia da interdependência entre as dimensões ou mundos subjetivo, social e cultural na constituição dos fenômenos humanos. Adotando como fio condutor a história ficcional da invasão alienígena, a análise a partir das chaves da biografia e personalidade do autor, da sociedade britânica e da cultura local da época, ressalta as contribuições dessa abordagem para a melhor compreensão dos aspectos valorativos subjacentes a qualquer fenômeno humano, incluindo a percepção de valores como justiça, solidariedade e dignidade.

Palavras-chave: Movimento direito e literatura, Personalidade, Cultura, Dignidade, Epistemologia

Abstract/Resumen/Résumé

This paper critically analyzes the science fiction classic “The War of the Worlds,” by British writer H. G. Wells, by applying Jürgen Habermas’ three-worlds thesis in order to identify the critical potential of the subjective, cultural, and social aspects that intersect in the work.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Law and literature movement, Personality, Culture, Dignity, Epistemology

1 INTRODUÇÃO

As relações entre Direito e Literatura têm sido objeto de diversos pesquisadores em múltiplas abordagens, levantando novas potencialidades críticas para as pesquisas científicas em Direito. Para além da representação ficcional de atos lícitos ou ilícitos, a literatura pode servir à análise das mais variadas questões humanas, sob perspectivas tanto individuais quanto sociais. Assim, a pesquisa jurídica pode se beneficiar grandemente da Literatura para a crítica das teorias e práticas jurídicas.

A presente pesquisa pretende analisar um dos primeiros clássicos da literatura de ficção científica, o romance *A Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells, escrito em 1897, a fim de identificar como aspectos de personalidade, de contexto social e de cultura se entrecruzam em uma produção literária, e, quando analisados, podem revelar os vieses do autor e de sua época sobre questões valorativas, como ética, direito e justiça.

A presente pesquisa qualitativa bibliográfica, de viés crítico-reflexivo, vale-se da análise de fontes literárias e doutrinárias, com destaque para o romance científico britânico do fim do séc. XIX *A Guerra dos Mundos*, bem como da fortuna crítica sobre a biografia do autor, sua obra e seu período histórico.

Metodologicamente, a pesquisa parte da teoria dos três mundos desenvolvida pelo epistemólogo Karl Popper, e retrabalhada em novos termos pelo sociólogo e jusfilósofo Jürgen Habermas, a fim de analisar as tensões sociais, políticas e subjetivas presentes na referida obra literária. Para isso, analisa-se criticamente a obra tendo como chave de leitura os conceitos de mundos objetivo, subjetivo e social.

Primeiramente, a pesquisa expõe a teoria ou tese dos três mundos, como proposta por Popper, e como posteriormente reelaborada por Habermas, com destaque para os conceitos de mundos subjetivo, objetivo e social, e a relação entre eles. Em seguida, analisa-se separadamente a partir desses três conceitos-chave como aspectos biográficos, culturais e sociais influenciaram a representação literária na obra *A Guerra dos Mundos* de tensões valorativas e sociais ainda hoje relevantes para o Direito.

2 OS TRÊS MUNDOS COMO CHAVE DE ANÁLISE

O filósofo epistemólogo austríaco Karl Popper (1902-1994) apresentou sua tese dos três mundos em duas conferências realizadas em 1967 e 1968¹, como uma proposta de explicação da formação da realidade. Popper (2006) defendeu que a realidade é uma criação humana, que não pode ser compreendida sem considerar suas três faces ou mundos, e como eles se interpenetram. Esses mundos seriam (1) o físico, composto dos corpos, estados, fenômenos e forças físicas; (2) o psíquico, das emoções e processos inconscientes; e (3) o intelectual, das produções do intelecto.

Com essa proposta, Popper quer se contrapor a qualquer concepção monista da realidade, que a considere apenas matéria ou ideia, devendo-se considerar as três dimensões como componentes do real, que são interdependentes e reciprocamente influentes. Contrapondo-se aos monismos materialistas e idealistas, ou ainda ao dualismo, restringe a realidade a soma de apenas essas duas dimensões, a tese dos três mundos pode ser considerada um pluralismo interacionista (Sieczkowski, 2006).

O mundo psíquico interage com os outros dois diretamente; já o mundo físico só interage diretamente com o psíquico; e o mundo intelectual só interage diretamente com o psíquico. Portanto, o mundo físico somente interage com o intelectual, indiretamente, por meio do psíquico. O autor defende ainda que o mundo intelectual, apesar de ser uma produção humana, se autonomiza da vontade humana de tal forma que criações intelectuais passam a existir no mundo similarmente a coisas (Popper, 2006).

O filósofo alemão Jürgen Habermas vale-se da tese dos três mundos de Popper, ainda que a reformulando em alguns pontos. Concordando com o austríaco, Habermas (2022) defende que os três mundos interagem entre si, o que implica em rejeitar a visão materialista ou empirista de que as criações intelectuais não possuem realidade, não passando de estados mentais ou formas de expressão. Ambos também concordam na rejeição do psicologismo e do fisicalismo, pela recusa em transpor para a relação entre os mundos físico e psíquico a dinâmica dos elementos da natureza (Sieczkowski, 2006).

Cronologicamente, pode-se dizer que o mundo físico surge antes dos demais, entretanto, a existência das sociedades humanas implicou no desenvolvimento de autonomização dos processos naturais, que vão sendo identificados, compreendidos e

¹ Respectivamente *Epistemologia sem um sujeito conhecedor* e *Sobre a teoria da mente objetiva*, publicadas posteriormente em 1972 no livro *Conhecimento Objetivo*. A tese é retomada em conferências e obras posteriores, como em *Alles Leben ist problemlösen. Über Erkenntnis, Geschichte und Politik* (1972); *Unended Quest* (1976); *The Self and its Brain* (1977); e *Auf der Suche Nach Einer Besseren Welt* (1982) (Sieczkowski, 2006).

manipulados como compostos de objetos externos aos sujeitos. Se nos primórdios, as sociedades humanas pautam-se pela de identificação e adaptação às forças naturais, a modernidade estará regida pela pretensão de compreensão e manipulação, com o maior desenvolvimento da técnica. Habermas (2022a) chama esse conjunto natural que nos aparece como coisa de *mundo objetivo*. Em um primeiro aspecto, pode-se dizer que os seres humanos divisavam os elementos e ventos naturais apenas como entidades passíveis de enunciações com pretensão de veracidade. Assim, o mundo objetivo aparecia como a imediaticidade de um *mundo vivido objetivo*. Porém, a existência humana em grupo e a organização em torno de objetivos comuns permite o desenvolvimento de dimensões do existente que ultrapassam a objetividade imediata da natureza, constituindo o *mundo da vida*, como repositório das imagens de mundo compartilhadas intersubjetivamente (Habermas, 2022b).

Nessa leitura, o mundo subjetivo é o conjunto das vivências internalizadas às quais o sujeito tem acesso privilegiado, mas que podem ser expressas com pretensão de veracidade aos demais sujeitos (Habermas, 2022b).

A linguagem desenvolvida para atender as necessidades expressivas dos sujeitos torna-se progressivamente mais formal, a fim de permitir a mais estável transmissão do saber válido do grupo, com espaços institucionalizados servindo à socialização dos seus membros a partir de tal cultura compartilhada. Percebe-se, portanto, o desenvolvimento de padrões normativos que funcionam como critério para a validade das interações no grupo, emergindo aspectos propriamente de *mundo social*. Assim, os processos de socialização promovem a internalização dos mundos externos pelos sujeitos, constituindo um *mundo vivido subjetivo*, que é, ao mesmo tempo, exterior e interior aos sujeitos.

O mundo da vida, enquanto repositório dos padrões de interpretação compartilhados socialmente, organizados linguisticamente e transmitidos culturalmente, é constituído por meio das estruturas formativas da *cultura*, da *personalidade* e da *sociedade* (Habermas, 2022b).

Como estrutura de formação do mundo da vida, *cultura* é o acervo de saber compartilhado que os sujeitos mobilizam para se comunicarem e que, portanto, permite-lhes se entenderem sobre algo no mundo. Para o mesmo escopo, *sociedade* é o conjunto das ordens ou padrões legítimos de regulação da pertença dos sujeitos ao grupo, permitindo identificação e solidariedade entre eles. Por sua vez, *personalidade* é o conjunto das competências que capacitam os sujeitos a falar e agir e, assim, participar

dos processos intersubjetivos e sociais de construção de entendimento e da identidade (Habermas, 2022b).

A cultura assume o caráter de um mundo objetivo, na medida que seus elementos podem ser objeto de enunciados com pretensão de *veracidade*; a sociedade é a totalidade das ações intersubjetivas com pretensão legitimidade por sua *correção normativa*; e a personalidade é a totalidade das vivências pessoais que podem ser objeto de expressões com pretensão de *sinceridade* (Habermas, 2022b).

Pelo exposto, percebe-se como os três mundos propostos por Popper e desenvolvido por Habermas são três dimensões que interagem e se interpenetram nas diferentes questões humanas. Contudo, não é raro constatar como as pesquisas científicas comumente segmentam a realidade para isolar essas dimensões em nome de certa pureza epistemológica, a qual acaba por artificializar o objeto, segmentando-o e extraíndo-o das recíprocas imbricações dos três mundos, o que é reforçado pela especialização dos saberes e da formação acadêmica dos próprios pesquisadores.

A presente pesquisa propõe recuperar os referidos três mundos como chaves de análise de um texto literário, a fim de destacar como uma criação artística, enquanto criação humana, expressa as três dimensões da realidade presentes na sua criação. Assim, a pesquisa se contrapõe abordagens que pretendam considerar apenas o texto, ou o momento histórico ou o autor, como fenômenos isolados.

A abordagem ora proposta revela-se de inegável interesse para as pesquisas jurídicas, não apenas para aquelas relacionados ao chamado Movimento Direito e Literatura, pois na área jurídica é comum que textos normativos ou decisões judiciais sejam analisadas como produções de sujeitos abstratos em apreciação de questões igualmente abstratas, portanto, ignorando as relações culturais, intersubjetivas e subjetivas envolvidas.

Para a exposição da aplicabilidade dessa abordagem a despeito do mérito do conteúdo do objeto de análise, escolheu-se o romance de ficção científica *A Guerra dos Mundos*, um dos marcos da moderna literatura de entretenimento, sendo um grande sucesso comercial desde seu lançamento em 1898. Ademais, a temática de “mundos” se confrontando entra em consonância com uma abordagem que pretende ressaltar como, na criação artística em análise, se expressa a relação entre os mundos objetivo, social e subjetivo.

3 H. G. WELLS E A GUERRA DOS MUNDOS

3.1 A TRAMA

A ficção científica *The War of the Worlds* foi publicada seriada na *Pearson's Magazine* em 1897, na Inglaterra, saindo como romance no ano seguinte (Hughes, 1993). Rapidamente, *A Guerra dos Mundos* consagrou-se como a principal obra sobre a invasão do planeta por extraterrestres, destacando-se mesmo em relação a outras produções da chamada literatura de invasão, em alta no fim do séc. XIX (Flynn, 2005)².

A trama é narrada em primeira pessoa, por um protagonista anônimo, morador de um condado periférico à Londres, que conta a chegada dos primeiros marcianos e sua luta por sobrevivência diante do avanço destrutivo dos alienígenas a partir do sul da Inglaterra até Londres.

A narrativa começa com a descrição de como no fim do séc. XIX, os seres humanos conduziam tranquilamente suas vidas, sem imaginar que a Terra já estava sendo objeto de um plano de invasão por “inteligências superiores à do homem e, no entanto, igualmente mortais” (Wells, 2016, p. 45).

Contudo, a invasão começa no início do século XX, quando um objeto cai do espaço em Horsell Common, próximo à casa do narrador. Inicialmente interpretado como um meteoro, diversas pessoas acorrem ao local para ver o objeto, que, entretanto, em a aparência de um grande cilindro metálico, que se abre e do qual emerge um marciano. Uma delegação humana se aproxima com uma bandeira branca em sinal de paz, porém, todos imediatamente são incinerados por um raio de calor. Apesar do evidente caráter agressivo dos invasores e da notícia rapidamente ter se espalhado, o narrado descreve como a população dos arredores até Londres mantiveram tranquilamente suas vidas cotidianas, inclusive, rindo e fazendo piadas, sem dimensionar o perigo que se vizinhava.

Os marcianos são descritos como uma espécie de polvo, com uma grande cabeça, aparentemente mole, da qual emergem dez tentáculos finos. A compleição flácida e os movimentos lentos são compensados pelos artifícios de alta tecnologia, que lhes dão grande superioridade em relação aos humanos, o que se mostra em seu grande poder destrutivo. Em nenhum momento há qualquer comunicação ou busca de

² A obra mantém sua popularidade, nunca tendo saído de catálogo na Inglaterra e contando com diversas edições simultâneas por diferentes editoras. No Brasil, a obra foi objeto do lançamento recente de diferentes editoras, como pela Suma (2016), Martin Claret (2019), Pandorga (2020), Pé da Letra (2020), Lafonte (2021), Principis (2021) e Excelsior (2021),

entendimento por parte dos invasores. Eles não possuem sistema digestivo, alimentando-se pela aplicação direta em suas veias do sangue dos humanos capturados. Valendo-se de grandes naves sustentadas por três longas “pernas”, que o narrador chama de “tripods”, munidas de um fulminante raio de calor, e de um gás negro, denso e venenoso, os marcianos promovem um extenso extermínio dos seres humanos.

Ao longo da narrativa de seu percurso de sobrevivência nos escombros de construções e ruas arrasadas, o protagonista conta seu encontro com figuras que têm funções representativas ou simbólicas naquela situação extrema, como um padre, cuja lucidez se deteriora rapidamente imersa em desespero, e um soldado, delirantemente obcecado pela crença na possibilidade de contra-ataque aos marcianos.

Após toda devastação e mortandade, a invasão termina com a morte dos marcianos, contaminados por micro-organismos da Terra (Wells, 2016).

3.2 AUTOR COMO MUNDO SUBJETIVO

Nascido em 21 de setembro de 1866, na cidade de Bromley, então parte do condado de Kent, próximo à Londres, na Inglaterra, Herbert George Wells foi um escritor prolífico, com dezenas de romances, contos e ensaios, notabilizando-se, especialmente, pelo destaque dado em suas tramas a conceitos ou inventos científicos. Em razão dessa abordagem temática, H. G. Wells consagrou-se como um dos “pais da ficção científica”³, juntamente com o francês Jules Verne (Roberts, 2005).

Sua obra ficcional abarca temas bastante diversos, como viagem no tempo e espaciais, manipulação genética e invasão alienígena, retratando cenários e/ou eventos bastante fantasiosos. No entanto, em geral, as histórias exóticas eram utilizadas como pano de fundo para críticas sociais e políticas à sociedade inglesa e moderna.

Tendo escrito diversos romances, contos, ensaios e livros teóricos, destacam-se em sua vasta obra títulos como *The Time Machine* (1895), *The Island of Doctor Moreau* (1896), *The Invisible Man* (1897), *The War of the Worlds* (1898), *The War in the Air* (1907) e *When the Sleeper Wakes* (1910)⁴.

³ O título atribuído conjuntamente aos mencionados escritos britânico e francês decorre muito da ênfase ou continuidade da produção ficcional que se pretendia subsidiada em explicações cientificamente verossimilhantes do que em uma precedência cronológica. Historicamente, a primeira obra que estabelece os marcos distintivos da ficção científica moderna foi *Frankenstein or the Modern Prometheus*, de Mary Shelley, cuja primeira edição foi publicada em 1818.

⁴ Percebe-se como as obras clássicas da ficção científica que deram renome ao autor concentram-se, mormente, na última década do séc. XIX e na primeira do século seguinte. Posteriormente a esse período,

Quarto e último filho do pequeno comerciante Joseph Wells e da ex-empregada doméstica Sarah Neal, o escritor teve uma infância com grandes dificuldades econômicas. Nesse período, renda familiar bastante modesta advinha principalmente de uma pequena loja de porcelanas recebida em herança, que era complementada pela atuação do Sr. Wells como jogador profissional de críquete (Smith, 1986). Contudo, em 1877, a carreira esportiva do pai é encerrada em decorrência de uma fratura na perna. Assim, por necessidade, os filhos do casal passam a trabalhar como aprendizes no ramo têxtil. Durante 3 anos (1880-1883), Herbert chegou a trabalhar até 13 horas diárias⁵.

A vida familiar era marcada pela forte contraposição de perfis dos pais. Enquanto o pai tinha uma personalidade intelectualmente curiosa e antidogmática, ainda que sem instrução acadêmica ou formal, a mãe era uma protestante religiosa. Ainda que nunca tenham se divorciado formalmente, o casal passou a viver separados quando a Sra. Wells assumiu um emprego de governanta em uma mansão de campo, no condado de West Sussex.

Em 1874, o jovem Herbert fratura a perna e o pai passa a trazer livros da biblioteca pública para o entreter durante sua recuperação. O interesse pela literatura despertado nesse período seria desenvolvido com o acesso à grande biblioteca da mansão em que a mãe trabalharia, possibilitando-lhe contato com obras populares e clássicas.

Em 1879, um parente distante conseguiu a admissão de Herbert como monitor de alunos na *National School at Wookey*, em que ele trabalhava, o que garantia sua matrícula na escola. No entanto, com a demissão do parente, houve o desligamento do jovem, iniciando um novo ciclo de dificuldades financeiras. Ele assume um trabalho como aprendiz em uma farmácia e depois como monitor na *Midhurst Grammar School*, saindo para assumir outra vaga como aprendiz na *Hyde's Drapery Emporium* em Southsea. Pouco tempo depois, ele é convidado a retornar a Midhurst, pela proficiência adquirida em latim e ciências.

Em 1884, Wells ganhou uma bolsa de estudos para a *Normal School of Science*, dedicando-se ao estudo da biologia e tendo como professor o biólogo evolucionista Thomas Henry Huxley, que exerceu sobre forte influência sobre o autor.

o autor usou sua fama internacional para intervir em discussões sobre problemas sociais, fazendo com que, mais próximo do fim da vida, sua produção literária tenha sido composta basicamente de ensaios (Brome, 2001).

⁵ As experiências desse podem ser vistas em obras críticas do autor ao regime de trabalho e à distribuição de renda na Inglaterra, como em *The Wheels of Chance* (1895) e *Kipps* (1905), mas especialmente em *The History of Mr. Polly* (1910),

Apesar da bolsa semanal, o autor se lembraria de fase de sua vida como um período de constante fome (Wells, 1967).

A intensa defesa do evolucionismo por Huxley, pela qual foi apelidado de o “buldogue de Darwin”, exerceu influência sobre Wells. Na trama, o narrador sugere que os marcianos são, na verdade, uma evolução diferente a partir de um ancestral comum com os seres humanos. Por exemplo, os dez finos tentáculos dos marcianos teriam a mesma origem dos dez dedos humanos. Wells subverte a associação romântica entre o belo e o bom, ao mostrar aparência “monstruosa” dos invasores como mera consequência de sua adaptabilidade evolutiva.

Por outro lado, a narrativa também aponta problema no cientificismo evolucionista de Wells. Na parte em que equipara a invasão dos marcianos ao extermínio dos tasmanianos pelos europeus, Wells parece apresentá-los como evolutivamente inferiores, e, portanto, fadados ao desaparecimento diante raças humanas mais evoluídas:

Mas, antes de os julgarmos com muita severidade, lembremos a destruição cruel e completa que nossa própria espécie impôs não só a animais, como os extintos bisões e dodôs, mas a suas próprias raças menores. Os tasmanianos, apesar da aparência humana, foram inteiramente dizimados numa guerra de extermínio promovida por imigrantes europeus no espaço de cinquenta anos (Wells, 2016, p. 47-48).

No entanto, alguns analistas apontam passagens de outras obras que indicaram expressa rejeição de qualquer evolucionismo racista. Nesse sentido, ele escreveu que ódios raciais "São estupidez, vulgaridades que o professor deveria antecipar e destruir." (1931), e rejeitou "frases sem sentido sobre raças atrasadas e povos inferiores", bem como a eugenia, que entendeu como "mera especulação dos teóricos"⁶ (Cooke, 2023).

Wells aproveitou o espaço acadêmico para o desenvolvimento de sua crítica à sociedade contemporânea, valendo-se principalmente da revista escolar que fundou com colegas, *The Science School Journal*, para expressar suas ideias. O autor se alinha à nascente *Fabian Society* e ao pensamento do ativista socialista William Morris (1834-1896), também poeta, ensaísta e romancista, que utilizou da sua obra ficcional para difundir sua crítica socialista, servindo de importante referência para a futura obra de

⁶ No original: “They are stupidities, they are vulgarities that the schoolmaster should anticipate and destroy.” (*The Work, Wealth and Happiness of Mankind*); “claptrap phrases about backward races and inferior peoples” (‘42 to ‘44: *A Contemporary Memoir*); e “a mere speculation of the theorists” (*The Rights of Man*) (Cooke, 2023).

Wells. Nesse periódico, Wells publicou o conto *The Chronic Argonauts*, que serviu de esboço para o seu futuro primeiro romance *The Time Machine* (Batchelor, 1985).

Com a obtenção do bacharelado em Zoologia em 1890, Wells passa a lecionar na *Henley House School*, em Londres.

Após se casar com sua prima Isabel em 1891, e como forma de complementa a renda de professor, Wells escrevia pequenos artigos para algumas revistas e jornais, o que lhe deu experiência na escrita para o grande público.

A fama vem com a publicação de *A Máquina do Tempo* em 1895⁷.

Obras ficcionais modernas mobilizando fundamentos e conceitos científicos não eram propriamente uma novidade ao tempo de Wells, já contando com a grande popularidade das histórias de Jules Verne (1828-1905). Quando Wells publica seu primeiro romance em 1895, Verne já havia se celebrizado por algumas de suas obras mais famosas histórias, como *Cinco semanas em um balão* (1863), *Viagem ao Centro da Terra* (1864), *Da Terra à Lua* (1865), *Vinte mil léguas submarinas* (1870) e *A volta ao mundo em oitenta dias* (1873). No entanto, enquanto Verne buscava fundamentar a verossimilhança das suas *Viagens Extraordinárias* em recentes conceitos ou teorias científicas em voga na época, o autor britânico adotava, em geral, outra estratégia. Para Wells, a plausibilidade ou a “suspensão da descrença” era alcançada pela assimetria desproporcional entre o amplo cenário realista e o pontual elemento fantástico. Assim, em meio a descrição extremamente realista de um cenário ou contexto, emerge apenas um único elemento fantástico, para o qual se dá uma fundamentação alegadamente científica ou tecnológica. Essa estratégia narrativa ficou conhecida como a *Lei de Wells*, segundo a qual uma história de ficção científica não deveria trazer mais de um elemento fantasioso ou extraordinário por vez.

A Lei de Wells explora, em certa medida, o fenômeno da *migração de sentido*. Ao inserir um único elemento extraordinário em um amplo e detalhado cenário realista, aquele elemento acaba assimilado pela plausibilidade ou factibilidade da descrição do entorno, tornando mais aceitável a trama como um todo (Bhelkar, 2009).

⁷ Inicialmente, a história é publicada em formato de folhetim na revista *The New Review*, da editora William Heinemann Ltda., de janeiro a maio de 1895, com a versão em romance saindo em 29 de maio. Contudo, nos Estados Unidos, a história já sai como romance em 7 de maio de 1895, pela editora Henry Holt and Company, com diversas diferenças do texto da versão britânica. Em razão das diferenças, os textos são atualmente conhecidos como as versões "Holt" e "Heinemann", sendo esta última a base das edições contemporâneas.

Wells falece em 1946, como um dos autores mais populares de todos os tempos, com centenas de títulos publicados, tendo sido nomeado para o Prêmio Nobel de Literatura quatro vezes, em 1921, 1932, 1935 e 1946 (The Nobel Prize, 2025).

3.3 CULTURA COMO MUNDO OBJETIVO

No séc. XIX, a Inglaterra era a maior potência global, com seus domínios abarcando um quarto do mundo, atingindo, especialmente após a derrota definitiva de Napoleão em 1815, uma posição tão incontestável, que assegurou um período de tranquilidade e prosperidade conhecido como *Pax Britannica* (Porter, 1998).

Contudo, o fim do século trouxe a emergência de novas forças geopolíticas, em especial, a Alemanha, unificada em 1871 após a vitória na guerra franco-prussiana. A nova potência militar desejosa de colônias era vista como ameaça aos domínios britânicos.

A obra de Wells trabalha artística e criticamente a sensação de perigo de um vasto Império, que, tendo atingido seu auge, passa a temer perder tudo o que conquistou, inclusive pelo confronto com outras forças que apresentem a mesma cobiça e violência que possibilitaram sua expansão imperialista ao redor do mundo.

Nessa linha, em 1871, é publicado na *Blackwood's Magazine* a ficção *The Battle of Dorking*, do general e político George Tomkyns Chesney, que narra uma invasão surpresa de tropas alemãs pelo sul da Inglaterra. Na trama, o ataque alemão chega rapidamente a Londres, não encontrando resistência, uma vez que Marinha e Exército britânicos estavam ocupados com os domínios coloniais. A publicação foi um sucesso de público, sendo reimpressa como romance e vendendo cerca de 80.000 cópias, e iniciando um subgênero literário de grande popularidade na Inglaterra, a “literatura de invasão” (Eby, 1988).

O mote da publicação parece indicar uma preocupação difusa na cultura da Grã-Bretanha naquele momento, a de que a hegemonia e extensão alcançados eram o grande problema para a manutenção e segurança do próprio Império, um efeito colateral ou o reverso da medalha de sua posição geopolítica. Diversos “medos” se acumulavam, como os da cobiça de potências rivais, o do fracasso na administração de extensão tão vasta, o do revanchismo dos povos dominados, e de que, atingido o auge de seu domínio, somente restava o declínio no futuro do Império. Essa era a chamada teoria do curso do Império, que defendia que todo império tem, após um apogeu, um inevitável

declínio (Seed, 2010). Por outro lado, também havia a crítica de que a hegemonia alcançada tinha gerado uma espécie de presunção na invencibilidade do Império, uma segurança imprudente na estabilidade da sua prosperidade. Antes do início da invasão marciana, o protagonista diz: “Tudo parecia tão seguro e tranquilo.” (Wells, 2016, p. 53).

Portanto, mesmo uma ficção popular sobre uma invasão extraterrestre está inserida simbolicamente nas tensões das disputas imperialistas europeias que culminariam na Primeira Guerra Mundial.

Essa perspectiva já aparece no primeiro parágrafo de *A Guerra dos Mundos*, quando o narrador afirma que:

Ninguém teria acreditado, nos últimos anos do século XIX, que este mundo era atenta e minuciosamente observado por inteligências superiores à do homem e, no entanto, igualmente mortais; (...). Com *infinito comodismo*, os homens iam de um lado para outro do globo, cuidando de seus pequenos afazeres, na *serena segurança* de seu império sobre a matéria. (...) No entanto, através do abismo do espaço, mentes que em relação à nossa são como a nossa em relação às dos animais que perecem, intelectos vastos, frios e insensíveis, lançavam sobre este planeta *olhares invejosos e lenta e inexoravelmente, traçavam planos contra nós*. E, no início do século XX, veio a *grande desilusão* (Wells, 2016, p. 45-46, grifo nosso)

O trecho destaca o risco diante de planos silenciosos para satisfazer a cobiça de forças externas, superiores, e “igualmente mortais”, bem como as pessoas conduziam seus interesses particulares, tranquilas na “segurança de seu império”.

Ainda que a menção a “homem” busque uma referência universal ao ser humano, toda a obra narra a invasão apenas da Inglaterra, o que evidencia que, por trás, da pretensa universalidade, expressa-se a percepção britânica de seus riscos.

Como um dos marcos da ficção científica, a obra expressa a problematização dos riscos da ciência e da tecnologia, como crítica ao cientificismo do séc. XIX.

No destaque dado à ciência, Wells recorre especialmente a áreas do conhecimento e teorias de grande atenção no período, como a astronomia, a biologia e o evolucionismo (Tavares, 2016).

Aproveitando-se do fascínio do público com os avanços tecnológicos do período, a obra explora a representação de artifícios de alta tecnologia, sendo apontada como um dos fatores para o grande sucesso da obra já na sua época (Roberts, 2006). Também nesse ponto, pode-se ver o paralelismo com a imperialismo inglês, que compensou suas limitações de contingente humano com sua supremacia tecnológica de

guerra, que lhe assegurou uma incontestável superioridade frente a diferentes povos da Ásia e África.

Wells explorou ficcionalmente a hipótese do Império Britânico experimentar seu próprio imperialismo, sendo invadido por uma força externa, impiedosa e tecnologicamente superior. Por isso, Worth (2010) chamou o romance de uma *sátira imperial*.

Segundo Foot (1996), a inspiração para a trama teria surgido enquanto o autor caminhava pela zona rural de Surrey com seu irmão Frank, e conversavam sobre a invasão britânica na Tasmânia, quando Frank teria equiparado a surpresa dos nativos àquela que seria a dos próprios ingleses diante de uma aterrissagem alienígena. Na época dessa conversa, considerava-se que os tasmanianos tinham sido extintos pela invasão europeia, com o alegado crânio do último líder tasmaniano estando preservado na Universidade de Edimburgo (onde permaneceu até 1991) (Sullivan, 2020). A menção ao extermínio dos tasmanianos é, inclusive, expressamente referida pelo autor na obra (Wells, 2016, p. 47).

Nesse sentido, a obra é uma crítica à cultura imperialista baseada na superioridade moral ou civilizatória europeia ou britânica, em que o autor ressalta como o desenvolvimento tecnológico potencializa o poder de conquista e destruição, o qual pode ser utilizado amoralmente para a satisfação de qualquer fim, para espalhar morte sobre qualquer território cobiçado. O autor faz uma importante cisão entre o progresso tecnológico e o moral, assim como os marcianos não estão “corretos” ou “justificados” moralmente por sua superioridade tecnológica para destruir, matar e conquistar, o mesmo se deve aplicar ao Império Britânico ou à Europa.

Ironicamente, o protagonista narrador diz como, enquanto o primeiro míssil marciano estava em direção à Terra, ele estava ocupado “escrevendo uma série de artigos que discutiam a provável evolução das ideias morais com o progredir da civilização.” (Wells, 2016, p. 52).

3.4 SOCIEDADE COMO MUNDO SOCIAL

Certamente, o sucesso popular ou comercial das obras de H. G. Wells não justifica retirar seu mérito como escritor. Porém, tampouco, deve-se ignorar as condições sociais que tornaram suas criações um fenômeno de época.

Nesse sentido, algumas variáveis devem ser ressaltadas.

Primeiramente, para o êxito do autor e de seu estilo literário, foi determinante a aprovação do *Elementary Education Act*, de 1870, que estabeleceu a política pública de escolarização de crianças de 5 a 12 anos na Inglaterra e País de Gales. A lei é vista como consequência do *Representation of the People Act*, de 1867, que ampliou o direito de voto para além dos proprietários rurais, abarcando também arrendatários e locatários, o que dobrou o número de eleitores britânicos (Gillard, 2018). A partir dessa ampliação do eleitorado, reforçou-se o discurso social da defesa da educação das camadas populares como uma necessidade para o exercício adequado do direito de voto, franqueando maior acesso da população à escolaridade e, portanto, à leitura.

Em segundo lugar, em 1861, foi extinto o imposto sobre o papel, como parte do fim dos chamados “impostos sobre o conhecimento” (Olsen, 2014), que baratearam as impressões de jornais, revistas e livros na Inglaterra, possibilitando o desenvolvimento na cena britânica do fim do séc. XIX, de uma esfera pública altamente diversificada, com publicações para atender um novo mercado ávido por notícias, informações, cultura e entretenimento.

Nesse processo de difusão cultural do hábito da leitura, obras ficcionais eram comumente publicadas de forma seriada nos jornais e revistas, sendo lançadas depois em formato de livro. Essa dinâmica também se revelou uma importante oportunidade para experimentação e o surgimento de uma nova geração de escritores, com nomes como Robert Louis Stevenson, Rudyard Kipling, James M. Barrie, Henry James, Stephen Crane, Joseph Conrad e W. W. Jacobs (Tavares, 2016).

Comumente, está subjacente à crítica social de Wells em suas obras, sua proposta de reforma social, estando sempre relacionada às avaliações do autor sobre os fenômenos sociais, políticos e econômicos de seu tempo, sendo comuns as críticas ao capitalismo, ao militarismo e ao imperialismo, bem como à supressão de liberdades individuais.

A obra também é crítica do eurocentrismo étnico, ao colocar como os seres humanos são vistos pelos invasores extraterrestres como uma “raça” inferior.

Em certa medida o enfoque de Wells permite a crítica do darwinismo ou evolucionismo social para justificar as invasões europeias, ressaltando como a superioridade tecnológica não resultava nem implicava em uma superioridade moral ou humanitária. Assim, Wells se opunha às pseudociências racialistas que buscavam fundamentar o imperialismo europeu, mas que também fundamentariam a política nazista de genocídio.

Em 1933, a obra *Universal History* (1919) de Wells esteve entre os livros queimados na Opernplatz, de Berlim, pelo recém implantado regime nazista⁸, sob a alegação de combater a influência deletéria da literatura estrangeira sobre a juventude alemã. Essa obra parece ter sido especialmente escolhida exatamente pela crítica do autor ao discurso de supremacia racial (Parrinder; Partington, 2005).

Em viagem à Austrália em 1938-1939, Wells chamou Hitler e Mussolini de “Césares criminosos” e “aberrações”. As declarações foram dadas em uma entrevista em Melbourne, em 5 de janeiro de 1939, portanto, meses antes do início da Segunda Guerra Mundial (Shepherd, 2023).

No entanto, nesse momento, as repreensões de Wells aos líderes nazifascistas não parecem ter sido dirigidas contra suas políticas racistas e genocidas, mas contra as violações à liberdade de expressão e, talvez, aos seus discursos belicistas.

Atualmente, sabe-se que, durante a presidência de Wells na *International PEN*, ele teria conduzido a expulsão da seccional alemã da associação em 1934, em razão da recusa dos alemães em aceitarem escritores de grupos étnicos perseguidos. Além disso, durante uma conferência da associação na Itália, Wells teria concedido a palavra ao escritor judeu exilado Ernst Toller (1893-1939), mesmo com a resistência dos delegados alemães. Após o fim da II Guerra Mundial, foram revelados os documentos referentes à Operação Leão Marinho (*Unternehmen Seelöwe*), com o plano nazista de invasão da Grã-Bretanha, incluindo a "Lista de Busca Especial da Grã-Bretanha" (*Sonderfahndungsliste GB*) com a relação de 2 820 pessoas que deveriam ser capturadas, dentre elas H. G. Wells (Parrinder; Partington, 2005).

Nesse sentido, não apenas a obra analisada, mas também a biografia do autor e a forma como atuou politicamente evidenciam sua defesa central da liberdade individual, com destaque para a liberdade de expressão e artística. Porém, resta claro seu compromisso com causas que ele avaliava como transindividuais e supranacionais, como o respeito à dignidade humana, independentemente de etnia, nacionalidade e confissão religiosa, o que, em sua concepção, demandava um projeto coletivo de condições socioeconômicas de igualdade material.

4 CONCLUSÃO

⁸ A *International PEN* (abreviatura de *Poets, Essayists e Novelists*) ou *PEN club* é uma associação internacional de escritores fundada em 1921, pela escritora inglesa Catherine Amy Dawson Scott, para formar uma aliança de escritores de todo o mundo em defesa da literatura e da liberdade de expressão (International Pen, s.d.).

Com a aplicação da tese dos três mundos, em especial, sob as ideias da interdependência, interpenetração e cooriginalidade dos mundos subjetivo, cultural e social, torna-se possível uma análise mais completa e abrangente da obra literária, inclusive, quantos os fatores jurídicos que perpassam não apenas a narrativa, mas também o cenário de publicação e difusão da obra.

Nesse sentido, fica patente como a infância extremamente pobre do autor, incluindo, sua experiência sob trabalho infantojuvenil com jornada de até 13 horas, influenciou decisivamente em sua visão crítica sobre a sociedade inglesa de sua época, inclusive quanto às percepções de dignidade humana, exploração do ser humano, e sua concepção de justiça. A obra *A Guerra dos Mundos* explora enfaticamente uma crítica da cisão entre progresso científico e tecnológica e progresso moral, que é projetada no impiedoso extermínio empreendido pelos marcianos sobre os humanos, mas que também podia ser visto no imperialismo britânico sobre outros povos e na exploração dos trabalhadores nas fábricas inglesas. Assim, o mundo subjetivo da personalidade do autor, aferida a partir de sua biografia, apresenta-se como importante chave de leitura crítica das valorações presentes na obra.

Na mesma linha, o mundo objetivo da cultura apresenta-se como chave crítica, na medida em que o cientificismo do século XIX, o evolucionismo e o eurocentrismo imperialista perpassam toda a obra, estando presente inclusive como subjacente às visões do autor, que não conseguiu ultrapassar plenamente esses marcos culturais, como se pode ver na sua visão depreciativa dos tasmanianos.

Assim também ocorre com a crítica a partir do mundo social, ao ressaltar como a expansão do reconhecimento de direitos políticos, implicou em uma expansão do direito ao ensino público gratuito, o que serviu de base para uma cultura de leitura e, conseqüentemente para a formação de uma esfera pública sedenta por informação, outras visões de mundo, e leitura, o que possibilitou, até mesmo, a transformação da literatura em prática cotidiana e entretenimento, do qual a ficção científica foi um importante representante.

Portanto, a biografia e personalidade do autor, a cultura do momento, e sociedade da época são fatores importantes de serem considerados na avaliação de um objeto de análise, seja um texto ficcional, um ato administrativo, legislativo ou decisório, em que esses fatores podem ser sindicados, ainda que de forma relativa ou aproximada. Afinal, um romance, assim como um evento ou ato jurídico, não é uma

construção abstrata, mas uma construção humana, subjetiva, cultural e socialmente fundamentadas.

REFERÊNCIAS

- BATCHELOR, John. *H. G. Wells*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- BHELKAR, Ratnakar D. *Science Fiction: Fantasy and Reality*. New Delhi: Atlantic Publishers & Distributors, 2009.
- BROME, Vincent. *H. G. Wells: a biography*. London, UK: House of Stratus, 2001.
- COOKE, Bill. *H.G. Wells and the Twenty-First Century*. Liverpool, UK: Liverpool University Press, 2023.
- EBY, Cecil D. *The Road to Armageddon: The martial spirit in English Popular Literature, 1870–1914*. Durham: Duke University Press, 1988.
- FLYNN, John L. *War of the Worlds: From Wells to Spielberg*. Baltimore, USA: Galactic Books, 2005.
- FOOT, Michael. *H.G.: History of Mr. Wells*. Virginia: Black Swan Books, 1996.
- GILLARD, Derek. *Education in England: a history*. 2018. Disponível em: <https://education-uk.org/history/chapter06.html>. Acesso em: 16 jan. 2025.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria da ação comunicativa, 1: Racionalidade da ação e racionalização social*. São Paulo: Unesp, 2022a.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria da ação comunicativa, 2: Para a crítica da razão funcionalista*. São Paulo: Unesp, 2022b.
- HUGHES, David Y.; GEDULD, Harry M. *A Critical Edition of The War of the Worlds: H.G. Wells's Scientific Romance. Visions. 3*. Bloomington: Indiana University Press, 1993.
- INTERNATIONAL Pen. *History*. (s.d) Disponível em: <https://arquivo.pt/wayback/20090706072125/http%3A//www.internationalpen.org.uk/go/about%2Dus/history>. Acesso em: 16 fev. 2025.
- OLSEN, Stephanie. *Juvenile Nation: Youth, emotions and the making of the modern British citizen, 1880-1914*. New York: Bloomsbury, 2014.
- PARRINDER, Patrick; PARTINGTON, John S. *The Reception of H. G. in Europe*. London, UK: Continuum International Publishing Group Ltd., 2005.
- POPPER, Karl. *Em busca de um mundo melhor*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

PORTER, Andrew. *The Nineteenth Century*. The Oxford History of the British Empire. Volume III. Oxford, UK: Oxford University Press, 1998.

ROBERTS, Adam. *Science fiction: The new critical idiom*. London: Taylor & Francis Ltd., 2005.

ROBERTS, Adam. *The History of Science Fiction*. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

SEED, David. The Course of Empire: A Survey of the Imperial Theme in Early Anglophone Science Fiction. *Science Fiction Studies*, v. 37, n. 2, p. 230-252, jul. 2010.

SHEPHERD, Tory. HG Wells, Hitler and Tasmania's dark past: the stories behind arrival cards in Australia's National Archives. *The Guardian*, de 16/09/2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2023/sep/16/hg-wells-hitler-and-tasmanias-dark-past-the-stories-behind-arrival-cards-in-australias-national-archives>. Acesso em: 18 jan. 2025.

SIECZKOWSKI, João Batista C. *Princípios*, Natal, v. 13, p. 31-55, jan./dez. 2006.

SMITH, David C. *H. G. Wells: Desperately mortal. A biography*. New Haven: Yale University Press, 1986.

SULLIVAN, Jane. Turning pages: HG Wells continues to make his prescience felt. *The Sidney Morning Herald*, de 17/08/2020. Disponível em: <https://www.smh.com.au/culture/books/turning-pages-hg-wells-continues-to-make-his-prescience-felt-20200730-p55gwr.html>. Acesso em: 18 jan. 2025.

TAVARES, Braulio. Prefácio. In: WELLS, H. G. *A guerra dos mundos*. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2016.

THE NOBEL PRIZE. Herbert G Wells. *Nomination Archive*. Disponível em: https://www.nobelprize.org/nomination/archive/show_people.php?id=10075. Acesso em: 18 jan. 2025

WELLS, H. G. *A guerra dos mundos*. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2016.

WELLS, H. G. *Experiment in Autobiography*. Discoveries and Conclusions of a Very Ordinary Brain (Since 1866). Philadelphia and New York: J. B. Lippincott, 1967.

WORTH, Aaron. *Imperial Transmissions: H. G. Wells, 1897-1901*. *Victorian Studies*, v. 53, n. 1, p. 65-89, 2010.